



NECRÓPOLE: uma cartografia fílmica do Cemitério Católico de Rio Grande

FERNANDES, Gabriel Silva¹; SANTA CATHARINA, Roberta Taborda²; ROCHA, Eduardo¹.

^{1,2}*Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas – FAUrb/UFPEL
Rua Benjamim Constant, 1359– Campus Porto– Pelotas/RS.
gabriel_leo_sf@hotmail.com; rtscatharina@terra.com.br; amigodudu@pop.com.br.*

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho é uma abordagem sobre o lugar cemitério, nesse caso o Cemitério Católico de Rio Grande, buscando refletir sobre sua existência e o que ele representa, de forma a descortinar as verdades dadas como certas, abandonando uma visão simplista, pensando a arquitetura além de seus limites reais, mas a partir do mundo que ela traduz. O método utilizado para a realização do trabalho é a cartografia sentimental, com origem na filosofia da diferença de Gilles Deleuze e Félix Guattari. A idéia é elaborar uma cartografia fílmica, um videotexto de curta duração com o conteúdo geral da pesquisa.

Como pensar, como olhar, como imaginar o território cemitério? Acerca dessa temática cemiterial existem tabus que devem ser quebrados. Quando procurado o significado para a palavra “cemitério” em alguns dicionários de língua portuguesa será encontrado basicamente o mesmo significado: “é o lugar onde são sepultados os cadáveres dos mortos; os cemitérios são lugares de prática religiosa; é o mesmo que necrópole ou sepulcrário”. E é através da cartografia do Cemitério Católico de Rio Grande que se propõe um olhar diferente desse território, que se propõe uma reflexão acerca de o que ele representa. A idéia é ir a espreita, é aguçar os sentidos, experimentar os perceptos e afectos desse território.

O motivo pelo qual foi escolhido o método cartográfico é que se procurava uma forma de desenhar, de captar esse lugar, de gerar chaves interpretativas para ler os vestígios da cultura e da sociedade no espaço urbano. Buscou-se analisar não só os aspectos físicos do lugar, mas também suas paisagens psicossociais, desmanchando certos mundos, e criando novos para expressar afectos contemporâneos. Buscou-se gerar uma Cartografia da imagem capaz de revelar a fresta, especular outras plataformas, capaz de desapontar certezas, trocando o lugar de onde se formulam as perguntas, entendendo que descrever de outra maneira a realidade é começar a antecipá-la, a imaginá-la, a projetá-la.

Dando língua para os afectos e perceptos, que pediram passagem, passando por constantes processos de desterritorialização e reterritorialização, elaborou-se uma cartografia fílmica, um curta metragem que busca descortinar o outro lado das imagens, optando portando por um cinema não clichê, não obvio. A idéia é que esse videotexto provoque a estranheza, que estremeça o olhar e que esse território passe

a ser visto com outros olhos, que essa cartografia seja um potencializador do pensamento em relação ao lugar Necrópole.

2. MATERIAL E MÉTODOS

O material utilizado nesta pesquisa são as filmagens coletadas durante as viagens cartográficas ao Cemitério Católico de Rio Grande, o diário de bordo e as bases teóricas dos conceitos da filosofia da diferença de Gilles Deleuze e Félix Guattari. Trabalhando principalmente com os conceitos de território, desterritorialização, perceptos, afectos e acontecimento nos processos de experimentação e configuração do território cemitério.

O método de pesquisa utilizado é o cartográfico que se dirige a cartografar os perceptos e afectos que pedirem passagem, a cartografar não um território físico, mas um território pensamento.

A cartografia vem da geografia, segundo ROLNICK (2006) ela é um desenho que acompanha e se faz ao mesmo tempo que os movimentos de transformação da paisagem. Paisagens psicossociais são cartografáveis. A cartografia, nesse caso, acompanha, e se faz ao mesmo tempo que o desmanchamento de certos mundos - sua perda de sentido - e a formação de outros: mundos que se criam para expressar afectos.

As viagens cartográficas foram realizadas sem nenhum roteiro pré-estabelecido, onde com uma câmera na mão transitando pelo espaço físico do Cemitério Católico de Rio Grande e seu entorno imediato buscou-se captar, desenhar o território cemitério. Apesar das visitas ao cemitério não terem um roteiro pré-estabelecido o preparo do referencial teórico antes de realizá-las foi essencial para exercer o papel de um bom cartógrafo, para realizar um cinema não clichê, um cinema que revelasse o outro lado das imagens, que captasse a fresta.

Após a captação das imagens entrou-se novamente em contato com a teoria da filosofia da diferença dando uma importância a etapa da edição igual a da captação, a reflexão sobre os conceitos e sobre os vídeos dão continuidade a uma série de desterritorializações e reterritorializações, refletidos em um novo território.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Antes de apresentar os resultados é importante falar do que se trata território nesta pesquisa. Para Deleuze e Guattari (2002) território é um domínio do ter (BOUTANG 1989), ele tem fronteiras, mas os seus limites não são físicos, são perceptivos. Ligado a este conceito de território eles trabalham com outros dois que são ligados um ao outro o de desterritorialização e o de reterritorialização, não há território sem um movimento de saída desse território, ou seja, desterritorialização e, não há desterritorialização sem um movimento de reterritorialização em outra parte. Pode-se dizer que sair do território é aventurar-se.

Como resultado preliminar se tem uma cartografia fílmica, um curta-metragem, contendo o mapeamento dessas constantes desterritorializações e reterritorializações, o mapeamento dos perceptos e afectos do Cemitério Católico de Rio Grande.

Ao procurar com a filosofia da diferença e a cartografia um novo olhar sobre o cemitério, sobre seu conceito, abandonou-se a idéia de cemitério como só um local onde se interrão os mortos, abandonou-se a idéia de que existe só um jeito de ver e entender as coisas, só uma maneira de experimentar as coisas.

Ao realizar esta cartografia permitiu-se sair do território, se desterritorializar, experimentar como um corpo sem órgãos, como diria Deleuze, expandido o território cemitério, e a idéia é que o vídeo produza no espectador essa ruptura, seja um acontecimento, que segundo Deleuze (ZOURABICHVILI 2004) é um marco um rompimento, algo que a partir dali vão existir um antes e um depois, onde o antes não faz mais sentido. Essa cartografia quer mostrar que pensar necrópole seja algo triste, seja algo feliz, seja morte e seja vida, quer que seja pensado, seja “revisto”.

Considerando que esta pesquisa ainda não esta finalizada os resultados adquiridos ainda estão em fase de análise e revisão. O principal resultado da pesquisa, o curta-metragem, a cartografia fílmica, já foi apresentado no meio acadêmico como forma de potencializar o pensamento.

4. CONCLUSÕES

Partindo dos resultados preliminares dessa pesquisa entende-se que o cemitério faz parte de uma representação indecível na cidade, é constituído de metáforas e de conceitos. Ele é uma arquitetura viva e morta, aberta e fechada, publica e privada, os limites se esfumam (figuras 1, 2 e 3). É um lugar da multiplicidade de olhares. É possível dizer que o Cemitério Católico de Rio Grande transpõe seus imensos muros e grandes gradis, que encontramos vestígios de cidade dentro dele, que se encontram vestígios de cemitério fora dele. É possível concluir também que dentro deste território coexistem afectos e perceptos que nos despertariam diferentes sensações, diferentes leituras, diferentes cartografias.



Figura 1 - do acervo do autor



Figura 2 - do acervo do autor



Figura 3 - do acervo do autor

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOUTANG, Pierre-André. **O Abecedário de Gilles Deleuze**. Paris: Éditions Montparnasse, 1989. (transcrição de entrevista). DELEUZE, Gilles. *A Imagem-Tempo*. São Paulo: Brasiliense, 2005.

DELEUZE, Gilles. **Lógica do sentido**. São Paulo: Perspectiva, 2000.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Tradução de Suely Rolnik. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2002. v.4. (TRANS.)

DISERENS, Corinne. **O filme arquitetônico de Matta-Clark**. São Paulo: s/ed, s/data.

FUÃO, Fernando Freitas. **O sentido do espaço. Em que sentido, em que sentido?** Revista Arquitecto. N. 3-4. Porto Alegre: UFRGS, 2003.

GODOI, Mauricio. **São Paulo, Cidade Invisível: uma reportagem afetiva.** Rio de Janeiro: Bom Texto/Uniletras, 2003.

ROLNICK, Suely. **Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo.** Porto Alegre: UFRGS/Sulina, 2006.

TIBURI, Márcia. **Filosofia Cinza: a melancolia e o corpo nas dobras da escrita.** Porto Alegre: Escritos, 2004.

ZOURABICHVILI, François. **O vocabulário de Deleuze.** Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2004.